



**ALEMANHA /** Projeções apontam vitória, por estreita margem, dos social-democratas, que reivindicam a formação do novo governo, assim como conservadores do partido de Merkel, mesmo diante de uma dura derrota. Lideranças querem concluir negociações até o Natal

# Após votação, hora de costurar alianças

A contagem final dos votos está longe de decretar o resultado das eleições legislativas da Alemanha, o que poderá levar meses para acontecer. Conforme as pesquisas indicavam, pela primeira vez, desde a década de 1950, as duas formações majoritárias — de um lado o Partido Social-Democrata (SPD) e, do outro, a aliança União Democrata-Cristã (CDU) e a União Social-Cristã (CSU) — precisam do apoio de dois partidos para formar uma coalizão com peso suficiente para governar. Os verdes e os democratas-liberais estão na mira dos rivais Olaf Scholz e Armin Laschet, mas, até se decidirem quem apoiar, o país enfrentará um longo período de incertezas.

Liderando por uma estreita margem, o SPD tinha entre 25,7% e 26% dos votos, enquanto a aliança conservadora de Angela Merkel e Laschet aparecia com 24,5% nas estimativas da imprensa alemã. Apesar da pequena diferença, o social-democrata Olaf Scholz deu declarações otimistas, considerando o resultado parcial “um grande sucesso”. “Muitos cidadãos querem uma mudança de governo”, afirmou o atual ministro das Finanças e vice-chanceler em fim de mandato. Apesar de Scholz participar do governo, a chanceler Angela Merkel apoiou Laschet, aliado dos democratas-cristãos.

Por sua vez, os conservadores admitiram que o resultado era decepcionante, mas não desistiram de formar o próximo governo. “Faremos o que pudermos para construir um governo dirigido pela União CDU-CSU”, assegurou Laschet. Como grande parte dos eleitores votaram pelo correio, as estimativas da contagem de votos podem mudar, embora tudo indique que os democratas-cristãos sofrerão um revés sem precedentes na história do partido.

## Catástrofe

Segundo o jornal *Bild*, ter menos de 30% significaria para o CDU, há 16 anos no poder, uma “catástrofe”. Para os democratas-cristãos, as “perdas são amargas”, admitiu Paul Ziemak, número dois da agremiação, que nunca ficou abaixo desse percentual. Em 2017, obteve 32,8%. Uma queda assim pode ofuscar o fim do mandato de Merkel que, apesar de continuar sendo muito popular ao fim de quatro legislaturas, parece ter sido incapaz de preparar sua sucessão.

Enquanto as alianças não são definidas, a competição poderia mergulhar a primeira economia da Europa em um longo período de paralisia política. Tanto Olaf Scholz quanto Armin Laschet afirmaram que desejam que as negociações terminem antes do Natal. No entanto, após as últimas eleições, em 2017, foram necessários mais de seis meses para se alcançar um acordo e formar a atual grande coalizão de conservadores e social-democratas. Até a escolha do sucessor, Merkel permanece interinamente no cargo.

Os Verdes, liderados por Annalena Baerbock, que durante um tempo apareciam como favoritos, devem fechar, segundo as projeções, com 14,8% dos votos. Bateriam, assim, seu recorde de 2009 (10,7% dos votos) e avançariam seis pontos em relação à eleição de 2017. O partido já declarou que pode se aliar tanto ao SPD quanto à direita, afirmando que o que desejam, acima de tudo, é promover seu programa de combate às mudanças climáticas.

Os liberais do FDP deverão ficar em quarto lugar, com cerca de 11,5%, o que lhes daria a chave do governo e faria do partido um ator inevitável para formar a futura coalizão. Os ultradireitistas do AfD, por sua vez, cuja chegada ao Parlamento nas eleições de 2017 foi muito comentada, confirmariam sua permanência no tabuleiro político da Alemanha. No entanto, com 10% a 11% dos votos, este partido islamofóbico, fragilizado por problemas internos, registraria um leve recuo em relação às eleições anteriores (12,6%).

Odd Andersen/AFP



**Muitos cidadãos querem uma mudança de governo”**

**Olaf Scholz, candidato do Partido Social-Democrata**

John MacDougall/AFP



**Faremos o que pudermos para construir um governo dirigido pela União CDU-CSU”**

**Armin Laschet, candidato da aliança conservadora**

Thilo Schmuegen/AFP



## Tripartite

Se a tendência se confirmar, Scholz poderia estar em posição de suceder Merkel e fazer a mudança que prometeu no final de sua campanha. Contudo, compondo uma coalizão tripartite, algo nunca visto na história contemporânea da Alemanha, embora apoiada por cerca de 55% dos alemães.

A opção de uma coalizão puramente de esquerda, ao contrário, parece descartada, pois o radical Die Linke obteve resultados baixos demais, segundo as estimativas. O que parece claro é que as negociações vão atrasar a saída de Merkel, 67 anos, que ficou mais de três décadas na política.

Após uma campanha caótica, marcada por gafes, Laschet, que parece ser

## Sigilo quebrado

Num ato falho, o candidato de Angela Merkel, o democrata cristão Armin Laschet, quebrou a regra de sigilo eleitoral ao votar na cidade de Aachen, na Renânia do Norte-Vestfália, estado do qual é governador. Laschet dobrou a cédula de maneira errada e acabou deixando seu voto visível às câmeras. A legislação alemã determina que os eleitores mantenham suas escolhas em segredo enquanto estiverem nas seções eleitorais. O episódio foi considerado um descuido e não houve desdobramentos. “Cada voto conta”, disse o conservador, que, pelas projeções, saiu derrotado das urnas.

o grande perdedor do pleito, terá que se mostrar muito persuasivo. Seu último tropeço: ao depositar o voto, mostrou a cédula para as câmeras, infringindo a regra que determina que a escolha deve ser secreta. O fim da era Merkel poderia resultar em uma nova guerra de chefes na direita alemã, na qual a liderança de Laschet poderia ser posta em dúvida oito meses após sua eleição.

## Próximos passos

- Hoje, os partidos farão reuniões de dirigentes. Amanhã, sociais-democratas e integrantes da União Conservadora (CDU-CSU) devem se reunir. Os encontros dos legisladores recém-eleitos com seus partidos estão programados para a próxima semana.
- Se dois ou três partidos chegarem a um princípio de acordo para formar uma aliança, deverão iniciar negociações formais para estabelecer uma coalizão, com várias reuniões de diferentes grupos para definir os temas de política.
- Ao fim dessas negociações, que não têm prazo para serem concluídas, os partidos decidirão quem ficará a cargo de qual ministério e firmarão um contrato de coalizão, um documento que define os termos do acordo. Enquanto isso, Angela Merkel permanece à frente do governo, como chanceler interina.

David Gannon/AFP



- Encerradas as negociações, os partidos indicam quem postulará como chanceler antes da votação oficial na Bundestag. Liderados por Annalena Baerbock (foto), que ficou em terceiro lugar nas eleições de ontem, os Verdes terão grande peso.
- Caso não se chegue a um acordo, o presidente Frank-Walter Steinmeier, do Partido Social-Democrata (SPD), propõe um potencial sucessor de Merkel. Os parlamentares votam em segredo e o vencedor deverá obter maioria absoluta. Se isso não acontecer, uma segunda votação é realizada em duas semanas. Caso, ainda assim, não se chegar a um nome, ocorre o terceiro pleito, valendo maioria relativa para a escolha.

- O passo seguinte é o presidente decidir se nomeia o chanceler como chefe de um governo de minoria, ou se dissolve o Parlamento, convocando novas eleições.